



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2012

**FILIPA ANDREIA
VAGOS OLIVEIRA**

AVALIAÇÃO DA PSICOPATIA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, realizada sob a orientação científica do Doutor Carlos Fernandes da Silva, Professor Catedrático do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais, irmã, avó e ao Alex, pelo incessante apoio e carinho manifestados ao longo de todo este percurso

o júri

presidente

Doutora Sandra Cristina de Oliveira Soares
Professora Auxiliar Convidada da Universidade de Aveiro

vogais

Doutora Ana Paula Soares de Matos
Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Doutor Carlos Fernandes da Silva (orientador)
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Ao Professor Doutor Carlos Fernandes da Silva, orientador desta dissertação, por ter despertado em mim ainda mais interesse pela problemática psicopatia e pela ajuda na definição inicial do estudo. As notas dominantes da sua orientação foram a utilidade das suas recomendações e a cordialidade com que sempre me recebeu. Estou grata pela autonomia que colocou em mim, sendo esta decisiva para que este trabalho contribuísse para o meu desenvolvimento pessoal.

A todos os estudantes da Universidade de Aveiro que contribuíram para esta investigação. Muito obrigado pelo apoio e interesse prestados, bem como o tempo que abdicaram do vosso dia em prol de um projeto meu.

A todos os professores da Universidade do Algarve, onde concluí a minha licenciatura, assim como aos professores da Universidade de Aveiro que, com o apoio, disponibilidade e partilha de conhecimentos, contribuíram para que que chegasse até aqui.

A todos os meus colegas de mestrado, em especial à Sílvia Dias, pelos momentos de entusiasmo e amizade partilhados em conjunto.

A todos os meus amigos que nunca me deixaram “cair” e sempre me incentivaram a lutar e a seguir em frente, mas em especial ao André que, não obstante, abdicou do seu tempo e me ajudou na elaboração deste projeto.

À minha avó Zulmira... por todo o carinho, por me fazer sempre as vontades, por me dar tudo sem querer nada em troca, por me contemplar com as suas experiências e por me aconselhar. És para mim um exemplo de trabalho, honestidade, fé, firmeza e, acima de tudo, de muito amor.

À minha irmã, Micaela, pelo apoio e compreensão inestimáveis. Espero que de alguma forma este meu projeto possa servir de inspiração para a tua vida e que te ajude a acreditar que com paixão e determinação os sonhos são possíveis de alcançar.

Ao Alex... POR TUDO. Por todos os momentos em que não cobrou a minha presença, por todos os momentos em que chorei e que carinhosamente me beijou e me fez sorrir, por todos os momentos em que perdi a paciência e com palavras amenas me acalmou, por todos os momentos em que pensou comigo no meu futuro e me fez sempre acreditar que eu era capaz.

AOS MEUS PAIS, Paula e Joaquim... Que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade... que iluminaram os caminhos escuros com afeto e dedicação para que eu os trilhasse sem medo e com esperança... que se doaram inteiros e renunciaram dos seus sonhos para que muitas vezes eu pudesse realizar os meus. Nesta grande batalha, a vitória também é vossa... Obrigado!

A todos... UM MUITO OBRIGADO... Sem a vossa confiança e contributo, este projeto não seria possível.

palavras-chave

Psicopatia, PCL:SV, Estudantes universitários

resumo

Ao longo dos anos a psicopatia tem recebido especial atenção em contextos prisionais, todavia estudar a psicopatia em contextos que não o criminal reveste-se de um grande interesse dado que não só neste tipo de ambiente se pode encontrar psicopatas. O nosso estudo tem como principal objetivo avaliar a existência desta perturbação em estudantes universitários. A amostra é constituída por 77 estudantes de diversos cursos e graus de formação da Universidade de Aveiro, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos ($M=21,15$; $DP=2,34$), maioritariamente caucasianos (97,4%). Por forma a atingir o objetivo proposto recorreu-se à aplicação de uma *checklist* de avaliação da psicopatia, a PCL:SV de Hart, Cox e Hare (1995), traduzida e adaptada por Soeiro e Gonçalves em 2003 (Soeiro, 2005). De acordo com os resultados obtidos e tal como era expectável, apenas 1,3% da nossa amostra apresentou valores que nos possam revelar presença de psicopatia, tendo sido essa percentagem aplicada a um indivíduo do sexo masculino. Verificou-se também que não existe associação significativa entre a psicopatia e a idade e grupo étnico.

keywords

Psychopathy, PCL:SV, College students

abstract

Over the years, psychopathy has received special attention in prison contexts, however study psychopathy in different contexts takes on great interest since we can find psychopaths not only in prison. Our study has as main goal evaluate the existence of this disorder in college students. The sample is composed of 77 students from various formation courses and degrees from the University of Aveiro, with ages between 18 and 29 years ($M = 21.15$, $SD = 2.34$), mostly Caucasian (97.4%). In order to achieve the proposed objective, we appealed to the application of a checklist for evaluating the psychopathy, the PCL:SV from Hart, Cox and Hare (1995) translated and adapted for Portuguese by Soeiro and Gonçalves in 2003 (Soeiro, 2005). According to the results, and as expected, only 1.3% of our sample presented values that may reveal the presence of psychopathy, being this percentage applied to one male person. It was also found that there is no significant association between psychopathy and age and ethnic group.

Índice

Introdução.....	1
Método	11
Participantes	11
Instrumentos.....	11
Ficha de Dados Demográficos.....	11
Psychopathy Checklist: Screening Version (PCL: SV)	11
Procedimento	20
Análise de dados	20
Resultados	21
Discussão.....	24
Conclusão	26
Referências Bibliográficas	27
Anexos.....	31
Anexo I – Mensagem dirigida ao SCIRP para solicitar a participação dos estudantes	32
Anexo II – Formulário de Consentimento Informado aos participantes	33
Anexo III – Ficha de Dados Demográficos	34
Anexo IV – Célula da entrevista semiestruturada PCL:SV	36

Índice de Figuras

Figura 1. Caracterização dos itens integrantes da Parte 1 da PCL:SV	18
Figura 2. Caracterização dos itens integrantes da Parte 2 da PCL:SV	19

Índice de Tabelas

Tabela 1: Percentagem de participantes sem psicopatia, com indícios de psicopatia e com psicopatia	21
Tabela 2: Diferença no número de participantes com psicopatia entre sexos	22
Tabela 3: Diferença no número de participantes com psicopatia entre etnias	23
Tabela 4: Correlação entre a idade e o índice total da psicopatia	23

Introdução

O crescente interesse pelo estudo da psicopatia prende-se com o facto de se tratar de uma complexa perturbação caracterizada por um conjunto de comportamentos que causam impacto negativo na comunidade onde o indivíduo com esta perturbação se insere.

Trata-se de um conceito que tem sido alvo de várias inconsistências quanto à sua definição, todavia, devido aos atributos que a caracterizam, embora se associe às perturbações da personalidade, estudos recentes indicam que esta será o resultado da conjugação de fatores biológicos, ambientais e sociais (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Segundo Vitacco (2007) e Neumann e Hare (2008) esta perturbação é definida por um padrão de características interpessoais, afetivas e comportamentais, que incluem o egocentrismo, a ilusão, a manipulação, o pobre controlo comportamental, a ausência de culpa, empatia ou remorsos, assim como uma série de comportamentos antiéticos e antissociais.

Atendendo a este facto trata-se de uma das perturbações da personalidade muito estudada em termos criminológicos, nomeadamente no que toca a indivíduos que dispõem de uma grande capacidade de agressão, tanto a nível físico como psicológico, e que apresentam comportamentos de hostilidade, manipulação e irresponsabilidade. Estes indivíduos tornam-se responsáveis por agressões sistemáticas, causando dano para as suas vítimas, e são caracterizados pela ausência de bondade e de emoções, assim como de sintomas de doença mental, possuindo assim todos os critérios de diagnóstico de psicopatia (Soeiro & Gonçalves, 2010).

A definição de psicopatia está envolta de uma grande complexidade. A evolução científica deste conceito percorreu vários caminhos que de alguma forma se associavam à comunidade, desde aspetos sociais, morais a estereótipos. Na verdade, como alternativa ao termo psicopatia foram surgindo várias designações como sendo perturbação da personalidade antissocial (APA, 1980; cit. por Gonçalves, 1999a), perturbação da personalidade dissocial (WHO, 1965; cit. por Gonçalves, 1999a) e sociopatia (Partridge, 1930; cit. por Gonçalves, 1999a) que se referiam essencialmente aos indicadores comportamentais associados a esta perturbação.

Neste sentido, a definição clara de psicopatia é algo fundamental, não só devido às suas implicações na investigação, diagnóstico, avaliação, intervenção e contestação de resultados na área de estudo referente às perturbações da personalidade, como também ao

facto de a psicopatia estar relacionada com desvios quantitativos das características normais da personalidade (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Do ponto de vista histórico, as primeiras abordagens do conceito de psicopatia surgiram com o trabalho desenvolvido por Pinel em 1809, designando os indivíduos que se comportavam atípica e agressivamente como padecendo de “mania sem delírio”. Em 1888, Koch apresentou uma outra proposta de conceito para esta perturbação de personalidade, a “inferioridade psicopática” definindo-a como uma anomalia de personalidade, maioritariamente devida a aspetos congénitos ou ainda a aspetos resultantes de doença psíquica (Gonçalves, 1999b).

Contudo, é entre o fim do séc. XIX e início do séc. XX que Kraepelin introduziu o conceito de “personalidade psicopática”, ainda hoje utilizado, descrevendo esta personalidade como um tipo de comportamento criminal anormal ou imoral (Lykken, 1995).

A partir dos anos 20, Schneider também teve a sua contribuição caracterizando o termo “personalidade psicopática” como uma entidade integradora de certas patologias que apresenta uma clara distinção entre enfermidade mental e psicopatia. Assim, a sua classificação baseou-se em traços disposicionais associados ao estudo da personalidade e em vivências que determinam o desenvolvimento da mesma (Gonçalves, 1999b). Schneider (1923/1955; cit. por Soeiro & Gonçalves, 2010) classificou, então, as personalidades psicopáticas em 10 classes distintas: hipertímicas, depressivas, inseguras, fanáticas, carentes de valor, lábeis de humor, explosivas, apáticas, abúlicas e asténicas.

Em 1930 Partridge (Lykken, 1995), psiquiatra americano, introduz o termo “sociopata” e salienta que o que estes indivíduos tinham em comum era uma predisposição para violar normas sociais e comportamentais.

Até aqui, todas estas definições foram encaradas como as primeiras tentativas de caracterizar/definir o conceito de psicopatia. Todavia, uma das contribuições mais importantes para a definição atual do conceito de psicopatia foi a de Hervey Cleckley, que no seu livro *“The Mask of Sanity”*, publicado em 1988, proporcionou uma descrição clínica mais detalhada da psicopatia e das suas manifestações, apresentando um perfil de psicopata onde designa 16 traços significativos deste transtorno:

- 1) Encanto superficial e boa inteligência;
- 2) Inexistência de alucinações ou de outras manifestações de pensamento irracional;

- 3) Ausência de nervosismo ou de manifestações neuróticas;
- 4) Indigno de confiança;
- 5) Mentira e insinceridade;
- 6) Ausência de remorsos ou de vergonha;
- 7) Comportamento antissocial inadequado;
- 8) Raciocínio pobre e incapacidade para aprender com a experiência;
- 9) Egocentrismo patológico e incapacidade para amar;
- 10) Pobreza geral nas relações de maior afetividade;
- 11) Perda específica da intuição;
- 12) Incapacidade para responder na generalidade das relações interpessoais;
- 13) Comportamento fantasioso e pouco recomendável com ou sem ingestão de bebidas alcoólicas;
- 14) Ameaças de suicídio raramente cumpridas;
- 15) Vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada;
- 16) Incapacidade para seguir qualquer plano de vida (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Para este autor a principal particularidade do psicopata baseava-se na deficiente resposta afetiva face aos outros, o que explica a forte relação com comportamentos antissociais (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Já numa abordagem unidimensional do estudo do conceito de psicopatia, surgem os trabalhos desenvolvidos por Robert Hare, sendo este autor um dos investigadores que mais contribuiu para o estudo do conceito de psicopatia e para a sua avaliação (Soeiro & Gonçalves, 2010; Skeem, Polaschek, Patrick & Lilienfeld, 2011).

Para Hare (1991) o psicopata é alguém incapaz de mostrar empatia ou preocupação por outrem e que manipula os outros para satisfazer os seus próprios desejos. Além disso, ostentam ainda uma sinceridade superficial que os torna capazes de convencer aqueles que usou da sua inocência ou da sua motivação para mudar.

Esta noção de psicopatia defendida por Hare (1991, 2003) opõe-se a uma abordagem tipológica do conceito, tal como é apresentada pelos trabalhos de Levenson, Kiehl, e Fitzpatrick (1995) e Ross, Lutz, e Bailley (2004). Na verdade, para estes autores, a sua tipologia, associada à definição de psicopatia, corresponde ao mesmo tipo de dados obtidos por Hare (1991), apesar de não considerarem o conceito de psicopatia como unidimensional. Ou seja, para estes autores existem dois tipos de psicopatas, os primários,

caracterizados pela insensibilidade, a pouca ansiedade, o calculismo, a manipulação e a mentira, e os secundários, descritos como sofrendo de uma perturbação neurótica que estimula o comportamento impulsivo por eles apresentado (Levenson, Kiehl & Fitzpatrick, 1995; Ross, Lutz & Bailey, 2004).

Por sua vez, Hare (1991) não aceita esta divisão dos psicopatas em dois tipos de indivíduos visto que os seus estudos são reveladores de vários critérios que definem a perturbação e não de diferentes tipos de perfis a ela associados.

Todavia, para efetuar o diagnóstico de psicopatia a um indivíduo é necessária a utilização de um instrumento que irá permitir avaliar essa perturbação. De acordo com Gonçalves (1999b), a avaliação da psicopatia pode ser efetuada com recurso a instrumentos de avaliação psicológica que se inserem na componente clínica-comportamental, nas medidas de autorrelato e na avaliação com recurso a procedimentos experimentais.

Dado que o nosso interesse se foca na primeira componente, é sobre esses instrumentos, nomeadamente a *Psychopathy Checklist* (PCL) e seus derivados, que nos vamos debruçar.

Robert Hare passou mais de três décadas ocupado com a investigação da natureza e respetivas implicações da psicopatia. Concebeu e desenvolveu a PCL e mais tarde a sua revisão, a *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R), para uma avaliação válida e fidedigna da psicopatia (Hare, 1991).

Esta *checklist*, na sua versão atual, a PCL-R, apresenta a psicopatia como um constructo unidimensional composto por dois fatores intercorrelacionados, sendo que um descreve a perturbação em termos clínicos, interpessoais e afetivos, e o outro visa identificar os comportamentos típicos de um estilo de vida antissocial. Com isto somos conduzidos a uma definição de psicopatia como um agrupamento de traços de personalidade e comportamentos socialmente desviantes, sendo marcantes os traços de loquacidade, superficialidade e frieza emocional, egocentrismo e grandiosidade, ausência de remorsos, empatia e sentimentos de culpa, uso frequente da mentira e da manipulação e estilo de vida marcadamente antissocial (Hare, 1991, 2003).

Para além desta escala, Hart, Cox e Hare (1995) desenvolveram uma versão reduzida da PCL-R, a *Psychopathy Checklist: Screening Version* (PCL:SV). Esta escala é composta por 12 itens, dividida em duas partes, sendo que a Parte 1 (fator interpessoal e

afetivo) integra os primeiros seis itens e a Parte 2 (fator estilo de vida e antissocial) os últimos seis itens. Relativamente à sua cotação, cada item é cotado pelo avaliador que efetuou a entrevista e o valor total pode variar entre 0 e 24, sendo o ponto de corte de 18 valores, ou seja, pontuação a partir da qual podemos designar o indivíduo de psicopata. Trata-se de uma escala adequada para contextos em que os indivíduos em avaliação não integram grupos com informação de natureza criminal, ou quando essa não se encontra disponível. Um estudo detalhado sobre a equivalência entre esta *checklist* e a PCL-R, demonstrou que a PCL:SV apresenta propriedades estruturais muito semelhantes à PCL-R, o que pode por isso ser considerada uma versão paralela da mesma (Cooke, Michie, Hart & Hare, 1999; Guy & Douglas, 2006).

E porque se torna importante analisar cada uma das partes da PCL:SV, e de que forma é que o seu resultado se reflete na amostra estudada, foi identificado que, apesar da Parte 1 e da Parte 2 serem discriminantes relativamente à avaliação da psicopatia, a Parte 1 apresenta valores superiores à Parte 2 (Hart, Cox & Hare, 1995; Cooke, Michie, Hart & Hare, 1999; De Oliveira-Souza, Moll, Ignácio & Hare, 2008).

Em Portugal, Soeiro (2005) realizou um estudo com 534 candidatos a inspetores da Polícia Judiciária Portuguesa e analisou a fidelidade e validade da PCL:SV. Para a consistência interna da estrutura da PCL:SV calculou os coeficientes de Alpha para as duas partes e para o total da *checklist*. O Alpha obtido para a Parte 1 foi de .520 e para a Parte 2 foi de .427. Para o total dos 12 itens obteve um Alpha de .596. De acordo com os resultados obtidos para as amostras de alunos universitários, estudadas por Hart, Cox e Hare (1995), os valores do estudo português são muito fracos e inferiores, sendo que para estes autores o Alpha obtido para a Parte 1 variou entre .840 e .580, para a Parte 2 variou entre .810 e .660 e para a totalidade dos itens o Alpha variou entre .910 e .690.

Na sequência do trabalho de Hare (1991) e Hart, Cox e Hare (1995), Cooke e Michie (2001) desenvolveram investigações que mostraram que o conceito de psicopatia deve ser definido não por dois, mas por três fatores: o primeiro fator caracterizado pelo estilo interpessoal arrogante e hipócrita; o segundo fator representado por uma deficiente experimentação de afetos; e o terceiro fator definido por um estilo comportamental impulsivo e irresponsável. Nesta perspetiva, para definir psicopatia é importante considerar o contributo destes três aspetos, o interpessoal, o afetivo e o comportamental (Cooke & Michie, 2001).

Todavia, a controvérsia entre o modelo de três fatores de Cooke e Michie (2001) e o modelo de dois fatores de Hare (1991) põe em causa o papel do comportamento antissocial na definição do conceito de psicopatia. Se por um lado, o papel do comportamento antissocial é definido como um sintoma no modelo bifatorial de Hare (1991), nos resultados obtidos por Cooke e Michie (2001) e Cooke, Michie, Hart e Clark (2004) este aspeto é apresentado como uma consequência, o que não deixa claro a associação entre psicopatia e comportamento antissocial.

Como resposta ao modelo de três fatores de Cooke e Michie (2001), Hare (2003) apresenta um novo modelo de quatro fatores com a mesma finalidade de caracterização da psicopatia, abrangendo os três fatores apresentados por Cooke e Michie (2001) e um quarto fator associado ao comportamento antissocial.

A análise dos quatro fatores que definem o conceito desta perturbação foi considerada por diversos estudos que utilizaram amostras de homens e mulheres agressores (Hare & Neumann, 2006; Neumann, Kosson & Salekin, 2007), doentes psiquiátricos (Neumann, Hare & Newman, 2007), jovens ofensores (Neumann, Kosson, Forth & Hare, 2006; Salekin, Brannen, Zalot, Leistico & Neumann, 2006) assim como indivíduos comuns (Hare & Neumann, 2006; Neumann & Hare, 2008).

Nas amostras da comunidade em geral, a utilização do modelo dos quatro fatores sugere que o fator antissocial tem um peso substancial e correlaciona significativamente com os outros três fatores, salientando a natureza crítica do comportamento antissocial no constructo da psicopatia (Neumann, Hare & Newman, 2007).

Todavia, considerar o comportamento antissocial como um sintoma implica integrá-lo como um indicador importante para a avaliação e diagnóstico da psicopatia. Os resultados obtidos na análise das qualidades psicométricas dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da psicopatia, a PCL-R e a sua versão reduzida, a PCL:SV, nos estudos realizados por Cooke, Michie, Hart e Clark (2004), permitem, porém, aceitar a possibilidade do comportamento antissocial ser considerado uma consequência da psicopatia.

Após a análise dos aspetos relacionados com a definição de psicopatia, confirma-se que são várias as influências que se encontram associadas à sua caracterização. Contudo, e de uma forma geral, pode considerar-se que o conceito de psicopatia pode ser definido por um conjunto de características ou traços de personalidade que podem estar presentes em

indivíduos com ou sem história de antissocialidade, e que se manifestam desde a infância, piorando na adolescência e permanecendo na fase adulta. Neste sentido, define-se aqui uma envoltura de uma perturbação da personalidade, garantindo-se os aspetos relacionados com o papel do comportamento antissocial como sintoma ou consequência desta perturbação (Soeiro, 2005).

Quanto aos contextos em que a psicopatia é avaliada, a literatura remete-nos para o facto de a maior parte das pesquisas serem realizadas em prisões ou hospitais prisionais, por ser mais fácil o acesso a indivíduos com este tipo de desordem (Skeem, Polaschek, Patrick & Lilienfeld, 2011). Todavia, investigações sobre a psicopatia são pertinentes de ser realizadas em populações normais, sendo o nosso principal objetivo avaliar a existência de traços psicopáticos em estudantes universitários.

De acordo com Salekin, Trobst e Krioukova (2001) existem algumas razões potencialmente boas para utilizar amostras de estudantes universitários no estudo da psicopatia.

Primeiro, muitos membros da comunidade procuram universidades em busca de potenciais carreiras ao longo da vida. Um número substancial de jovens adultos seguem o seu percurso académico, mas muitos outros desistem deste percurso e perseguem outros objetivos. Contudo, uma grande quantidade de indivíduos que ingressa nas universidades, inscrevem-se em licenciaturas e participam em estudos, proporcionam aos investigadores uma janela que lhes permite observar um grupo muito variado de pessoas. Segundo, um tipo de psicopata descrito por Cleckley, o "psicopata bem-sucedido", pode usar a educação formal (e.g. direito, medicina) como um trampolim para um estatuto mais elevado, e alcançar posições de maior poder. Assim, investigando a psicopatia em amostras de estudantes universitários pode ajudar a lançar luz sobre a natureza da psicopatia neste subtipo especial de psicopatia. Terceiro, pesquisas realizadas anteriormente em amostras comunitárias, que não usaram amostras de estudantes universitários (Belmore & Quinsey, 1994) não foram capazes de evitar a armadilha de selecionar uma alta proporção de criminosos que tiveram registos de penas grandes de prisão. Estudos com psicopatas presos são em grande quantidade, enquanto estudos de psicopatia com estudantes universitários são limitados (Forth, Brown, Hart & Hare, 1996; Lee & Salekin, 2010).

Em geral, isso sugere que poucos estudos analisaram a aplicabilidade da psicopatia fora das instituições forenses e criminais, embora o pouco que tem sido feito seja sugestivo

de diferenças importantes entre a comunidade e os psicopatas institucionalizados (Skeem, Polaschek, Patrick & Lilienfeld, 2011).

De acordo com a literatura, os estudos sobre a psicopatia em populações ditas normais indicam que os psicopatas “bem-sucedidos” dispõem de uma vida integrada na comunidade, ostentando características comportamentais que podem envolver o não respeito por regras sociais definidas, desde que esse comportamento reverta em seu favor. Além disso, descrevem-se pelas suas características manipulativas e os seus défices emocionais, bem como indicadores de impulsividade, irresponsabilidade e pobre controlo comportamental (Hare, 2003).

São indivíduos que utilizam estratégias manipuladoras que lhes permitem chegar a posições de poder nas respetivas profissões e na sociedade que integram, sem existir qualquer evidência empírica que o comprove. Segundo Hall & Benning (2006), fazem parte deste tipo de psicopatas socialmente integrados cargos profissionais relacionados com a política, as forças de autoridade, o governo, entre outros. Ainda assim, também se pode incluir neste grupo indivíduos que exibem a sua perturbação de uma forma em que a sociedade lhe reconhece mérito ou talento especial, como seja o caso de artistas, praticantes de desporto ou até mesmo estudantes universitários.

Hall e Benning (2006), por outro lado, em vez do termo “bem-sucedido” utilizam o termo “não criminoso” para caracterizar estes psicopatas, uma vez que ao atingirem o sucesso profissional ou pessoal à custa dos seus familiares, amigos e/ou colaboradores estão, simultaneamente, a destruir estas relações interpessoais. Isto demonstra que as atitudes e comportamentos do psicopata são geralmente predatórios, detendo estes uma grande habilidade para seduzir, manipular e enganar, encarando os outros como presas que podem capturar em seu favor, seja a nível emocional, físico e/ou económico.

Assim sendo, o estudo da psicopatia em populações normais é importante, nomeadamente o estudo centrado nos psicopatas “bem-sucedidos”, para melhor compreender esta perturbação e, em particular, clarificar a sua relação com o comportamento antissocial.

Cooke, Michie, Hart e Hare (1999), em concordância com o seu estudo, também defendem que para uma maior compreensão desta patologia é relevante desenvolver estudos em populações normais e não só em populações com história criminal, pois só

desta forma é possível perceber qual a incidência da patologia em cada um deles, assim como qual a sua relação com as variáveis associadas à psicopatia.

Esta vertente adaptativa da psicopatia levou a que a investigação realizada por Forth, Brown, Hart e Hare (1996) com estudantes universitários (75 homens e 75 mulheres) demonstrasse a pertinência deste tipo de estudos e verificaram que apenas 3% da sua amostra pontuou acima dos 17 valores, sendo esses 3% todos homens, não atingindo nenhuma mulher o ponto de corte. Além disso, mostraram que esta diferença foi significativa ($p < 0.001$). O mesmo foi sugerido pelos resultados obtidos por Hart, Cox e Hare (1995), mostrando que existiu uma pequena mas significativa diferença na prevalência dos sintomas da psicopatia, apresentando os homens mais sintomas.

No estudo realizado por Salekin, Trobst e Krioukova (2001) estes também mostraram que para a sua amostra (estudantes universitários) a prevalência desta perturbação foi de 5%, isto é, 1/10 homens e 1/100 mulheres apresentaram indicadores desta desordem.

Além das diferenças de traços de psicopatia na variável género, estudos longitudinais também têm sido realizados com o intuito de mostrar se existe um aumento ou uma diminuição de sintomas psicopáticos com o progresso da idade.

Para Harpur e Hare (1994) existem indícios de que as atividades antissociais diminuem com a idade enquanto a falta de empatia e a grandiosidade e superficialidade tendem a ser estáveis ao longo do tempo, permanecendo inalteráveis. Com o intuito de verificar se a pontuação total da PCL:SV se altera com o avanço da idade, no estudo de Hart, Cox e Hare (1995) com estudantes universitários e no de Soeiro (2005) com candidatos à Polícia Judiciária, constatou-se que existe uma correlação negativa, mas não significativa entre a idade e o total da PCL:SV. No estudo de Huchzermeier et al. (2008), com uma amostra de 226 reclusos com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos, confirmaram que existe uma correlação negativa significativa entre a pontuação total da PCL:SV e a idade dos indivíduos ($r = - .183$; $p = 0.003$).

Sabendo de antemão que as populações, em que a PCL-R e a PCL:SV são usados, são culturalmente e etnicamente diversas, alguns estudos têm sido realizados com o propósito de analisar a existência de diferenças entre o grupo étnico a que o indivíduo pertence e o índice de psicopatia obtido no instrumento de avaliação utilizado. Neste sentido, Forth, Brown, Hart e Hare (1996) no seu estudo composto por uma amostra de

caucasianos, asiáticos, negros, entre outras etnias, não encontraram correlações significativas entre o grupo étnico e a pontuação total da PCL:SV ($r = -13$). O mesmo se constatou no estudo de Cooke, Kosson e Michie (2001) com a sua amostra composta por caucasianos e africanos não existindo diferença significativa ($p > 0.05$) entre as duas etnias na pontuação total da PCL-R.

Tendo em conta todos estes aspetos e sabendo que a psicopatia não predomina somente em populações com história criminal, é importante estudar esta perturbação em populações normais. Este interesse encontra-se associado a uma tentativa de definir psicopatia de uma forma mais abrangente, não tendo por base somente as características das populações onde a desordem possui maior incidência.

Assim sendo, o principal objetivo deste estudo é verificar se predominam traços de psicopatia numa amostra de estudantes universitários, recorrendo à PCL:SV (Hart, Cox & Hare, 1995) traduzida e adaptada por Soeiro e Gonçalves em 2003 (Soeiro, 2005), já que se trata de um instrumento que não apresenta itens cuja cotação dependa exclusivamente do registo de dados do indivíduo em avaliação.

Assim, o presente estudo inclui hipóteses que pretendem comprovar fundamentos, a partir de reflexões retiradas da literatura na área:

H1: Encontraremos indicadores de consistência interna da PCL:SV aplicada na nossa amostra, semelhantes aos da aferição portuguesa;

H2: Espera-se encontrar uma percentagem de participantes com psicopatia inferior a 5%;

H3: Os valores obtidos pela PCL:SV são mais elevados em homens quando comparados com mulheres;

H4: Existirá diferenças significativas no número de participantes com psicopatia (PCL:SV total > 17) entre os sexos;

H5: Não haverá diferença significativa no número de participantes com psicopatia (PCL:SV total > 17) entre etnias;

H6: Espera-se uma correlação negativa entre a idade e o índice de psicopatia obtido através da pontuação total da PCL:SV;

H7: Os resultados obtidos na PCL:SV mostram que os valores são mais elevados para a Parte 1 do que para a Parte 2.

Método

Participantes

A amostra desta investigação é de conveniência, dado que os indivíduos que nela participaram fizeram-no de forma voluntária e não houve amostragem aleatória.

A amostra foi constituída por 77 participantes, alunos da Universidade de Aveiro, sendo 39 do sexo masculino e 38 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos ($M=21,15$; $DP=2,34$).

Relativamente ao grupo étnico a que pertencem, estes são maioritariamente caucasianos (97,4%). No que respeita à sua escolaridade, 70,1% ($N=54$) da amostra detém o ensino secundário, 24,7% ($N=19$) a licenciatura, e 5,2% ($N=4$) o mestrado.

Instrumentos

Ficha de Dados Demográficos

Com o intuito de obter informação referente a cada participante, foi construído um documento constituído por um conjunto de questões sociodemográficas que recolheu informações relativas à idade, sexo, grupo étnico, nível de escolaridade, universidade/instituição, curso e ano que frequenta.

Psychopathy Checklist: Screening Version (PCL: SV)

Caracterização

A versão reduzida da *Checklist* de Psicopatia de Hare (PCL:SV; Hart, Cox & Hare, 1995) traduzida e adaptada por Cristina Soeiro e Rui Abrunhosa Gonçalves em 2003 para a população portuguesa (Soeiro, 2005) é um instrumento composto por 12 itens, derivados diretamente dos 20 itens da PCL-R, que permitem avaliar e diagnosticar a psicopatia. Quanto aos contextos da sua aplicação, este instrumento pode ser aplicado em contextos forenses (Guy & Douglas, 2006) e em contextos não forenses como seja o psiquiátrico (De Oliveira-Souza, Ignácio, Moll & Hare, 2008), a seleção de pessoal (Soeiro, 2005) e os estudos de natureza epidemiológica (e.g. estudantes universitários), como é o caso da presente investigação.

Apesar de apresentar uma estrutura semelhante à PCL-R, mas não se propondo a substituí-la, a PCL:SV apenas pode ser usada como instrumento de triagem em contexto

forense. Já em contextos não forenses, este instrumento permite suspeitar de psicopatia, visto não exigir consulta de informações relativas ao registo criminal (Soeiro, 2005).

A teoria subentendida na PCL:SV é a mesma que levou ao desenvolvimento da versão revista da PCL. Dado que estes dois instrumentos têm por base o conceito de psicopatia como um distúrbio de personalidade, as características que inicialmente envolviam esta perturbação assentavam em três vertentes, a vertente interpessoal, a afetiva e a comportamental (Hare, 1991; Hart, Cox & Hare, 1995).

Todavia, estudos recentes indicam que a PCL:SV, dividida em duas partes, apresenta uma estrutura tetra-fatorial em que cada uma das partes pode ser subdividida em dois, gerando então quatro fatores (Vitacco, Neumann & Jackson, 2005) consistentes com a estrutura fatorial da PCL-R (Neumann, Hare & Newman, 2007).

Neste sentido, os fatores/vertentes que atualmente constituem a PCL:SV são o Interpessoal, o Afetivo, o Estilo de Vida e o Antissocial, sendo que o Interpessoal e o Afetivo integram a Parte 1 e o Estilo de Vida e o Antissocial integram a Parte 2 desta *checklist*. Relativamente aos itens que incorporam cada um dos fatores, estes são: Superficialidade, Grandiosidade e Falsidade que incluem o Fator Interpessoal; Ausência de remorsos, Ausência de empatia e Não-aceitação de responsabilidades que integram o Fator Afetivo; Impulsividade, Ausência de objetivos e Irresponsabilidade que incorporam o Fator Estilo de Vida; e, Pobre controlo comportamental, Comportamento antissocial em adolescente e Comportamento antissocial em adulto que constituem o Fator Antissocial (De Oliveira-Souza, Ignácio, Moll, & Hare, 2008).

Propriedades psicométricas

As características psicométricas da PCL:SV foram analisadas por Hart, Hare e Forth (1994) utilizando 10 amostras (N=520) obtidas de 4 contextos diferentes: reclusos sem acompanhamento psiquiátrico, reclusos com acompanhamento psiquiátrico, indivíduos com acompanhamento psiquiátrico em contexto não forense, e estudantes universitários.

Foi realizada a análise fatorial dos 12 itens da PCL:SV e os resultados revelaram que a melhor solução consistia na transversalidade dos dois fatores, Fator 1 que corresponde à Parte 1 da PCL:SV e Fator 2 que corresponde à Parte 2 da PCL:SV. Além

disso, ambos os fatores correlacionaram cerca de .53 o que revela que cada um deles pode ser medido de forma confiável.

Sabendo que a PCL:SV foi desenvolvida para poder ser aplicada em contextos não forenses, Forth, Brown, Hart e Hare (1996) realizaram um estudo com 150 estudantes universitários (75 do sexo masculino e 75 do sexo feminino), e os seus resultados revelaram que não foi possível obter a replicação da estrutura de dois fatores nesta amostra.

O mesmo se sucedeu com o estudo de Soeiro (2005) onde os valores obtidos não se apresentaram aceitáveis e dentro dos parâmetros definidos, podendo considerar-se que não existe um bom ajustamento do modelo bifatorial para a amostra estudada. Ainda assim a investigadora efetuou uma análise fatorial confirmatória, procurando estudar os índices de ajustamento para um modelo de um único fator, tal como fizeram Hart, Cox e Hare (1995), e os valores revelaram-se mais fracos que os obtidos para o modelo dos dois fatores. Estes resultados foram semelhantes aos conseguidos por Forth, Brown, Hart e Hare (1996) que também não obtiveram bons índices de ajustamento para um modelo de dois fatores para a PCL:SV.

Todavia, com o intuito de contornar este problema, Forth, Brown, Hart e Hare (1996) procederam a uma análise exploratória de componentes principais, sendo que na amostra masculina obteve-se uma solução de três fatores e na amostra feminina uma solução de quatro fatores.

Soeiro (2005) procedeu da mesma forma com a sua amostra e também não conseguiu obter a replicação de estrutura de dois fatores, apresentando os resultados da análise fatorial exploratória uma solução de quatro fatores. Hart (1992; cit. por Forth, Brown, Hart & Hare, 1996) referiu que, no que concerne a estes resultados, a dificuldade em replicar a estrutura bifatorial se deve ao facto de esta apenas ter sido encontrada em amostras que apresentam maior incidência de psicopatia, o que não sucede nas amostras universitárias e na seleção de pessoal.

No que se refere à fidelidade dos itens do instrumento, as correlações entre os itens foram de um modo geral muito baixas (inferiores a .30) não se verificando grande diferença entre os itens que integram a Parte 1 e os que integram a Parte 2 (Soeiro, 2005). Já no estudo de Forth, Brown, Hart e Hare (1996) as correlações obtidas entre os itens da

checklist foram elevadas e muito semelhantes às obtidas no estudo de Hart, Hare e Forth (1994) em que as correlações variaram entre .83 e .96.

No que concerne à fidelidade teste-reteste, não foram efetuados estudos para a PCL:SV que nos permitam obter conclusões em relação a este parâmetro (Soeiro, 2005)

Quanto à consistência interna, avaliada através do Alpha de Cronbach, os valores variaram entre .72 e .91 em todas as amostras, revelando-se aceitáveis (Hart, Hare & Forth, 1994). Assim como Forth, Brown, Hart e Hare (1996) obtiveram bons índices de consistência interna na sua investigação com estudantes universitários, variando o Alpha entre .70 e .89.

Soeiro (2005) estudou a consistência interna da estrutura da *checklist* efetuando os coeficientes Alpha para as duas partes e para a totalidade. O Alpha obtido para a Parte 1 foi de .520 e para a Parte 2 foi de .427. Para o total dos 12 itens, o Alpha obtido foi de .596. Os resultados obtidos por Soeiro (2005) revelaram-se muito fracos e inferiores quando comparados com os obtidos, para as duas amostras de estudantes universitários, por Hart, Cox e Hare (1995). Os Alphas obtidos por estes autores variaram entre .840 e .580 para a Parte 1, entre .810 e .660 para a Parte 2, e para a totalidade dos itens variaram entre .910 e .690.

A validade concorrente foi estudada correlacionando a PCL:SV com a PCL-R e com os critérios descritos na Perturbação da Personalidade Antissocial (APD) definida no DSM-III-R. Os resultados obtidos para as quatro amostras no estudo de Hart, Hare e Forth (1994) mostram que as correlações médias obtidas entre o valor total da PCL:SV e da PCL-R foram de .80. Além disso, também foi verificado um outro aspeto da validade concorrente da PCL:SV, nomeadamente a sua eficiência preditiva relativamente ao diagnóstico de psicopatia através da PCL-R. A sensibilidade da PCL:SV foi de .81, a especificidade foi de .85, o poder preditivo positivo foi de .44 e o poder preditivo negativo foi de .97. Estes resultados demonstram que a PCL:SV sobrediagnostica psicopatia relativamente à PCL-R, fazendo-o praticamente sem falsos erros negativos. Quanto aos valores obtidos entre a PCL:SV e os critérios de APD, estes são significativos, sendo que o valor médio das correlações obtidas entre as duas provas foi de .65, valor muito similar ao obtido com a PCL-R.

Para Forth, Brown, Hart e Hare (1996), os valores de validade concorrente relativos a estes indicadores mostram-se significativos para o número de sintomas na infância e o número de sintomas na idade adulta, associados à APD e à pontuação total da PCL:SV.

Ainda assim, a validade concorrente foi igualmente analisada recorrendo ao estudo da correlação entre a PCL:SV e instrumentos de autorrelato que avaliam a psicopatia, nomeadamente a escala de autorrelato de avaliação da psicopatia (SRP-II; Hare, 1990) e a escala Antissocial do Inventário Multiaxial Clínico de Millon (MCMI-II; Millon, 1987). Verificou-se que as correlações entre a pontuação total da PCL:SV e as escalas de autorrelato referidas refletem uma associação significativa, moderada e positiva entre as mesmas (Hart, Hare & Forth, 1994; Forth, Brown, Hart & Hare, 1996).

Com o intuito de avaliar a validade convergente da PCL:SV procedeu-se à análise da relação entre a pontuação total da *checklist* e a) o uso de substâncias, b) o comportamento antissocial e c) o comportamento interpessoal. Relativamente à primeira, as correlações entre a PCL:SV e algumas medidas de autorrelato sobre o uso de álcool (MAST; Selzer, 1971) e drogas (DAST; Skinner, 1982) revelaram-se moderadas, positivas e significativas ($p < .001$). Considerando a variável comportamento antissocial foi visível uma associação direta e significativa entre os itens 11 (comportamento antissocial adolescente) e 12 (comportamento antissocial adulto) da PCL:SV com comportamentos antissociais, bem como uma correlação entre a pontuação total da PCL:SV e a versatilidade do comportamento antissocial. Quanto ao comportamento interpessoal foi analisada a correlação entre a *Revised Interpersonal Adjective Scales* (IAS-R; Wiggins, Trapnell & Phillips, 1988) e a PCL:SV e os resultados indicaram que existiu uma correlação positivamente significativa entre a pontuação total da PCL:SV e o tipo de personalidade Insensível-Intolerante e uma correlação negativa com o tipo de personalidade Ingénuo-Modesto e Compreensivo-Afetuoso (Forth, Brown, Hart & Hare, 1996).

No que concerne à validade discriminante, os resultados revelaram que não se obtiveram correlações significativas entre a pontuação total da PCL:SV e a depressão (medida pelo BDI) e ansiedade (medida pelo STAI) (Forth, Brown, Hart & Hare, 1996).

Aplicação

A administração da PCL:SV foi baseada numa entrevista semiestruturada podendo ser aplicada a homens e mulheres com o intuito de se efetivar o diagnóstico de psicopatia (Hart, Cox & Hare, 1995).

O grau de capacidade de diagnóstico deste instrumento varia consoante o contexto da sua aplicação. Nesse sentido, em circunstâncias forenses a utilização da PCL:SV serve para despiste da psicopatia, enquanto em circunstâncias não forenses a aplicação desta *checklist* pode ser utilizada como meio de “diagnóstico” da psicopatia (contexto clínico e comunitário) e como estudo da psicopatia em diversos tipos de população (investigação científica) (Soeiro, 2005), como é o caso da presente investigação.

Tratando-se de uma prova cuja cotação é efetuada por avaliadores, a sua aplicação, cotação e interpretação devem ser realizadas sob a orientação de um psicólogo com experiência clínica e psicométrica e com profundo conhecimento sobre a literatura relativa ao conceito de psicopatia e aos estudos sobre a PCL-R e a PCL:SV. Neste sentido, foi proporcionado à investigadora principal vários treinos formais que englobaram informação sobre a natureza e a avaliação da psicopatia, assim como o procedimento específico de avaliação da PCL:SV, nomeadamente discussão de técnicas de entrevista e estudos de caso com respetiva cotação e interpretação.

A avaliação da psicopatia através da PCL:SV integra três aspetos importantes: a realização da entrevista, a confirmação da informação com recurso a fontes colaterais e a gestão da informação contraditória (Soeiro, 2005).

A entrevista é uma das fontes de informação a partir da qual a PCL:SV é cotada. Requer, em média, 30 a 60 minutos a ser realizada e o seu objetivo é recolher dados sociodemográficos e definir o estilo interpessoal do indivíduo em análise. O seu formato semiestruturado permite que o sujeito em avaliação expresse de uma forma mais informal as suas emoções e impressões sobre a sua vida, o que tal não seria conseguido através de um formato estruturado que reduz as possibilidades de interações mais informais entre o entrevistador e o entrevistado (Soeiro, 2005).

A realização da entrevista deverá ser filmada ou gravada sempre que possível e, caso tal não suceda, poderá recorrer-se à presença de um co-entrevistador (Soeiro, 2005).

A informação complementar pode ser obtida através da consulta de registos oficiais ou da recolha de informação junto de familiares, amigos e colegas que conheçam o sujeito

em avaliação. Esta informação serve para confirmar a informação obtida na entrevista (Soeiro, 2005).

Cotação

A cotação do instrumento requer um conjunto de normas e demora em média 30 a 40 minutos. Para cotar cada um dos itens, o avaliador recorre a uma escala de 3 pontos (0, 1 e 2) em que estes são administrados consoante o grau em que as características da personalidade e o comportamento do indivíduo correspondem à descrição do item. Note-se que classificar os itens é subjetivo e requer experiência e especialização consideráveis. A atribuição dos pontos é feita da seguinte forma: 0 (zero) ponto quando o item não se aplica ao indivíduo, ou seja, o indivíduo não exhibe o traço referido, 1 (um) ponto quando o item se aplica parcialmente e, 2 (dois) pontos quando o item se aplica na totalidade ao indivíduo, isto é, os traços e o comportamento do indivíduo são geralmente consistentes com a intenção do item (Hart, Cox & Hare, 1995).

Cada item é definido por um conjunto de características, todavia estas são simplesmente exemplos do tipo de características que poderão estar associadas a um traço, não devendo os avaliadores usá-las como uma lista de verificação simples. Assim, é importante que o avaliador, ao classificar o item, tenha em atenção a intensidade, a frequência e a duração dos sintomas no indivíduo, pois cada item deve revelar um traço de personalidade e não um sintoma que seja momentâneo (Soeiro, 2005).

Além disso, a cotação permite ainda a omissão de um item em cada uma das partes da PCL:SV, quando a informação não é suficiente. No entanto, os itens só devem ser omitidos quando é estritamente necessário e não quando o avaliador tem dúvidas acerca de que valor atribuir (Soeiro, 2005).

As pontuações relativas a cada item são anotadas numa folha de resposta (Hart, Cox & Hare, 1995; traduzido por Soeiro e Gonçalves em 2003) onde os itens aparecem agrupados consoante a parte da *checklist* que integram. Com base na soma dos valores atribuídos, é possível obter a pontuação final podendo o resultado de cada uma das partes e do total ser transformado em percentil.

A pontuação total da PCL:SV pode variar entre 0 e 24 pontos, sendo uma pontuação de 18 adotada como ponto de corte para o diagnóstico de psicopatia, o que equivale a 30 na PCL-R (Hart, Cox & Hare, 1995; Huchzermeier, et al., 2008). Para efeitos

de investigação, Hart, Cox e Hare (1995) consideram que indivíduos com pontuações entre 0 e 12 são considerados “não psicopatas” e indivíduos com pontuações entre 13 e 17 apresentam indícios de psicopatia. Valores entre 18 e 24 são vistos como claros indicadores de psicopatia.

Interpretação

A interpretação dos itens que integram as duas partes/quatro fatores da PCL:SV é realizada, segundo Hart, Cox e Hare (1995; traduzido por Soeiro, 2005), da seguinte forma:

Figura 1. Caracterização dos itens integrantes da Parte 1 da PCL:SV

Superficialidade (Item 1) – descreve um indivíduo cujo comportamento interacional se apresenta como sendo superficial, todavia consistente. Geralmente, tenta dar uma impressão favorável de si mesmo através, por exemplo, do seu “charme”. Tendencialmente conta histórias improváveis e apresenta desculpas pouco credíveis para comportamentos indesejáveis. Usa frequentemente linguagem técnica de forma inadequada. Alternativamente pode tentar transmitir um comportamento hostil, no sentido de impressionar os outros, todavia esta apresentação parece “falsa” e ilusória. Ambos os tipos de indivíduos são hábeis na conversação. Quando desafiado com factos contraditórios ou inconsistentes do seu comportamento, simplesmente altera a sua história

Grandiosidade (Item 2) – descreve indivíduos como sendo frequentemente “gabarolas” e como tendo uma visão engrandecida das suas habilidades. Têm uma boa opinião de si próprio e falam com segurança, podendo parecer que estão a dar uma conferência de imprensa ao longo da entrevista. Quando questionados sobre os seus objetivos futuros, podem descrever planos e esquemas ambiciosos, no entanto os seus interesses são circunstancialmente atuais, preocupando-se pouco com o futuro

Falsidade (Item 3) – os indivíduos com esta característica manipulam e enganam os outros para conseguirem alcançar os seus objetivos pessoais (e.g. dinheiro, sexo, poder). Conseguem iludir com segurança e sem ansiedade aparente, podendo ainda admitir enganar os outros.

Ausência de remorsos (Item 4) – descreve os indivíduos a quem parece faltar o sentimento de culpa. Geralmente, em algumas circunstâncias, consideram justificado o facto de magoarem alguém. Alguns destes sujeitos verbalizam o remorso, mas de modo insincero, por outro lado, alguns manifestam falta de emoção sobre suas próprias ações e sobre o impacto que as mesmas tiveram sobre os outros, focalizando-se preferencialmente no seu próprio sofrimento

Ausência de empatia (Item 5) – este item descreve indivíduos que têm pouca ligação afetiva com os outros e que são incapazes de avaliar as consequências, positivas e negativas, das suas ações. Consequentemente podem parecer frios e calculistas, incapazes de experienciar emoções fortes, sendo indiferentes aos sentimentos dos outros. Como alternativa podem expressar as suas emoções, mas estas, por sua vez, são

superficiais e inconstantes

Não-aceitação de responsabilidades (Item 6) – indivíduos com este atributo evitam fazer análise da responsabilidade pessoal das suas ações prejudiciais, minimizando as consequências para os outros, negando que a vítima tenha sofrido graves consequências com o seu comportamento ou simplesmente negando-as. Maioritariamente os seus raciocínios envolvem a projeção da culpa na vítima ou nas circunstâncias. O indivíduo pode ainda referir a amnésia devido ao uso de substâncias ou à existência de uma doença física ou mental

Figura 2. Caracterização dos itens integrantes da Parte 2 da PCL:SV

Impulsividade (Item 7) – este item descreve o indivíduo que age sem ponderar as consequências das suas ações. Age no impulso do momento e frequentemente como resultado de um desejo de risco e excitação. Tendencialmente fica frustrado quando tem falta de atenção. Como consequência apresenta um estilo de vida caracterizado pela instabilidade, quer na escola, no emprego ou no local de residência, bem como nos relacionamentos interpessoais

Pobre controlo comportamental (Item 8) – indivíduos com esta característica facilmente se irritam ou frustram, podendo esta tendência ser agravada pelo uso de álcool ou drogas. São verbalmente (e.g. insultam ou fazem ameaças) e fisicamente abusivos (e.g. partem objetos, batem nos outros), podendo estes abusos ser momentâneos e ocorrerem sem qualquer provocação

Ausência de objetivos (Item 9) – este item é atribuído a indivíduos que não têm planos e compromissos realísticos a longo prazo. Estes indivíduos tendem a viver as suas vidas não pensando no futuro e a depender excessivamente da família, amigos e apoio social para suporte financeiro. A nível académico apresentam frequentemente resultados fracos. Quando inquiridos sobre os seus objetivos futuros, tendem a descrever planos muito difíceis de concretizar

Irresponsabilidade (Item 10) – esta característica está presente em indivíduos que exibem frequentemente comportamentos que causam sofrimento ou colocam os outros em risco. Faltam aos seus compromissos nos relacionamentos (e.g. esposa, pais, filhos) e falham nos cuidados adequados com as crianças. O seu desempenho no trabalho também é inadequado, chegando regularmente atrasados ou ausentando-se sem justificação. Da mesma forma, são irresponsáveis com o dinheiro não cumprindo com as responsabilidades dos empréstimos ou com outras despesas relacionadas (e.g. apoio à educação dos filhos)

Comportamento antissocial em adolescente (Item 11) – uma elevada pontuação neste item demonstra um indivíduo com sérios problemas de conduta na adolescência, problemas que não ocorreram casualmente, repetiram-se na escola e na comunidade. Da mesma forma, não ocorreram como resultado de abusos ou negligência na infância, por exemplo roubando alimentos quando faltava em casa. Estes indivíduos tiveram frequentemente problemas com a lei, tanto na infância como na adolescência, e as suas atividades antissociais eram variadas, regulares e persistentes

Comportamento antissocial em adulto (Item 12) – este item descreve os indivíduos que violam frequentemente as regras e normas formalmente explícitas. Tiveram problemas com a lei em adultos, incluindo condenações judiciais. Tal como no item anterior, as suas atividades antissociais são variadas,

Procedimento

Para a realização deste estudo foi utilizado um critério de exclusão em que os alunos que frequentassem o curso de Psicologia não poderiam fazer parte da amostra, uma vez que a sua participação poderia provocar um enviesamento no estudo.

A recolha de participantes foi feita após a divulgação de uma mensagem por correio eletrónico (Anexo I) dirigida ao SCIRP (Serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas da Universidade de Aveiro), nomeadamente ao representante do núcleo de assessoria de imprensa e comunicação, para que este serviço a dirigisse aos vários departamentos da universidade, que por sua vez a encaminhasse a todos os alunos pertencentes aos respetivos departamentos. O conteúdo da mensagem identificava os investigadores e explicava o estudo presente assim como os seus objetivos. Caso o aluno estivesse interessado em participar no estudo entraria em contacto com a investigadora principal para se agendar a realização da entrevista. Além deste meio, também foram recolhidos participantes pelo campus da universidade, abordando os mesmos com a intenção do estudo e a solicitação da sua participação.

Antes de dar início à entrevista, os participantes acederam ao consentimento informado (Anexo II) onde era explicado o objetivo do estudo assim como garantia a sua confidencialidade e anonimato, colocando o participante a sua assinatura como forma de aceitação da participação na investigação. Além disso, foi pedida uma autorização para a possível gravação da entrevista via áudio e/ou vídeo.

De seguida foi facultada uma ficha de dados demográficos (Anexo III), onde o participante responderia a questões sociodemográficas. Após o preenchimento dos documentos anteriores, procedeu-se à realização da entrevista semiestruturada PCL:SV (Hart, Cox & Hare, 1995; traduzida e adaptada por Soeiro e Gonçalves em 2003) (Anexo IV), sendo esta gravada por uma máquina de filmar, caso o participante autorizasse.

Análise de dados

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa IBM SPSS Statistics 20.0.

Para uma análise descritiva, foram determinadas médias, desvios-padrão, frequências e percentagens. Também foram feitas correlações entre variáveis. Utilizamos também um teste não paramétrico, o teste de Wilcoxon, uma alternativa aos testes t, para comparação de valores obtidos pela PCL:SV na amostra estudada.

Como intervalos de confiança usamos três: IC (95%), IC (99%) e IC (99,9%).

Resultados

Decidimos analisar os dados em função dos testes a cada uma das hipóteses. Assim, para cada hipótese enunciada, apresentaremos os resultados obtidos com a nossa amostra.

H1 – Encontraremos indicadores de consistência interna da PCL:SV aplicada na nossa amostra, semelhantes aos da aferição portuguesa

Para a análise da consistência interna da PCL:SV baseada na nossa amostra de estudantes universitários, foram calculados os coeficientes Alpha de Cronbach para as duas componentes e para o total da *checklist*. O Alpha obtido para a Parte 1 (seis primeiros itens) foi de .760 e para a Parte 2 (últimos seis itens) foi de .547. Para o total dos 12 itens, o Alpha obtido foi de .792. Estes valores não confirmam a nossa hipótese, na medida em que são diferentes dos obtidos nos estudos de aferição.

H2 – Espera-se encontrar uma percentagem de participantes com psicopatia inferior a 5%

Relativamente à percentagem de participantes com psicopatia no nosso estudo, os resultados mostram que 94,8% dos estudantes não tem psicopatia, 3,9 % apresenta indícios de psicopatia e apenas 1,3% da amostra deterá este traço.

Estes resultados vão ao encontro da literatura, confirmando assim a nossa hipótese.

Tabela 1: Percentagem de participantes sem psicopatia, com indícios de psicopatia e com psicopatia

	Frequência	Percentagem
Sem psicopatia	73	94,8
Com indícios de psicopatia	3	3,9
Com psicopatia	1	1,3

H3 – Os valores obtidos pela PCL:SV são mais elevados em homens quando comparados com mulheres

Quanto aos valores obtidos pela PCL:SV (ambas as partes e resultado total), em ambos os sexos, pode-se constatar que na soma da Parte 1 a média para o sexo feminino foi de 1,79 (DP = 2,24), ao passo que para o sexo masculino foi de 2,05 (DP = 2,62). Quanto à soma da Parte 2 da *checklist* verifica-se que para o sexo feminino a média foi de 1,89 (DP = 1,94) e para o sexo masculino a média encontrada foi de 2,00 (DP = 2,04). Para o resultado total do instrumento, a média obtida para o sexo feminino foi de 3,66 (DP = 3,71) e para o sexo masculino foi de 4,05 (DP = 4,20).

Apesar das diferenças não serem significativas ($p > 0,05$), isto é, não confirma a nossa hipótese, os resultados mostram que os valores obtidos são superiores no sexo masculino quando comparados com o sexo feminino.

H4 – Haverá diferença significativa no número de participantes com psicopatia (PCL:SV total > 17) entre os sexos

Com foi possível constatar anteriormente e como é notório na Tabela 1, o número de participantes com indícios de psicopatia e com psicopatia é muito reduzido. Todavia quanto à diferença entre géneros, é possível verificar que existem mais participantes do sexo masculino com indícios de psicopatia (N=2) e com psicopatia (N=1) do que participantes do sexo feminino, sendo a distribuição de 1 para 0, respetivamente. No entanto, esta diferença não se mostra significativa ($p = .513$, teste exato de Fisher), o que não confirma a nossa hipótese.

Tabela 2: Diferença no número de participantes com psicopatia entre sexos

		Psicopatia		
		Sem psicopatia	Com indícios de psicopatia	Com psicopatia
Sexo	Feminino	37	1	0
	Masculino	36	2	1

H5 – Não haverá diferença significativa no número de participantes com psicopatia (PCL:SV total > 17) entre etnias

Relativamente ao número de indivíduos que se apresentam com psicopatia (N=1) ou indícios desta perturbação (N=3) estes pertencem ao grupo étnico caucasiano. Contudo, ao existir apenas dois sujeitos que pertencem a uma etnia diferente, sendo um negro e outro latino-americano, esta diferença entre etnias não se mostra significativa ($p = .998$). Neste sentido, os resultados corroboram os dados obtidos na literatura.

Tabela 3: Diferença no número de participantes com psicopatia entre etnias

		Psicopatia		
		Sem psicopatia	Com indícios de psicopatia	Com psicopatia
Grupo Étnico	Caucasiano	71	3	1
	Negro	1	0	0
	Latino-americano	1	0	0

H6 – Espera-se uma correlação negativa entre a idade e o índice de psicopatia obtido através da pontuação total da PCL:SV

A análise da Tabela 4 permite observar que existe uma correlação positiva entre a idade e o resultado total da PCL:SV ($p = .020$), no entanto, esta não se mostra significativa ($p = .861$). Estes resultados não confirmam a nossa hipótese.

Tabela 4: Correlação entre a idade e o índice total da psicopatia

	Resultado Total da PCL:SV
Idade	0,020

H7 – Os resultados obtidos na PCL:SV mostram que os valores são mais elevados para a Parte 1 do que para a Parte 2

Quanto aos valores obtidos em ambas as partes da *checklist*, os resultados obtidos através do recurso ao teste não paramétrico Wilcoxon mostram que os valores são mais elevados para a Parte 2 ($M = 1,948$; $DP = 1,979$) quando comparados com a Parte 1 ($M = 1,922$; $DP = 2,432$). Contudo, esta diferença não é significativa ($p = .986$).

Discussão

Com o objetivo de analisar a consistência interna da PCL:SV, aplicada na nossa amostra de 77 estudantes universitários, e assim testar a nossa primeira hipótese, efetuaram-se os coeficientes Alpha para o total da *checklist*, assim como para as duas dimensões que a compõem. Os nossos resultados mostraram-se superiores aos obtidos para a amostra de candidatos a inspetores da Polícia Judiciária Portuguesa no estudo de Soeiro (2005).

Todavia, comparativamente ao estudo de Hart, Cox e Hare (1995) e de Forth, Brown, Hart e Hare (1996) para as amostras de estudantes universitários os nossos resultados foram semelhantes, sendo que este último estudo obteve um Alpha que variou entre .70 e .89. Estes valores, tais como os obtidos na nossa análise traduzem-se em bons índices de consistência interna para a PCL:SV.

Esta diferença de valores Alpha entre o nosso estudo e o estudo da aferição portuguesa da PCL:SV de Soeiro (2005) e a semelhança com os estudos de Hart, Cox e Hare (1995) e Forth, Brown, Hart e Hare (1996) pode dever-se à população estudada, pois a PCL:SV permite avaliar psicopatia em indivíduos sem história criminal.

A psicopatia não se limita ao envolvimento em atividades ilegais, mas sim envolve características de personalidade como a manipulação, a falta de sinceridade, o egocentrismo, a ausência de culpa e empatia. Trata-se de características claramente presentes nos criminosos, contudo também poderão caracterizar políticos, artistas, praticantes de desporto ou até mesmo estudantes.

Vários estudos têm sido realizados com estudantes universitários (e.g. Forth, Brown, Hart & Hare, 1996; Salekin, Trobst & Krioukova, 2001) e a prevalência da psicopatia nesta população é muito escassa (< 5%). Tal como era expectável, o mesmo se veio a verificar no nosso estudo, sendo que apenas 1,3% da nossa amostra apresentou valores superiores a 17 na pontuação total da PCL:SV, o que é bastante inferior ao encontrado em populações de reclusos.

Da mesma forma, foi visível uma diferença, ainda que não tenha sido significativa, entre homens e mulheres, tendo apenas um indivíduo do sexo masculino pontuado acima de 17, não obtendo nenhuma das mulheres pontuação acima do limite de diagnóstico. Ainda assim, os resultados obtidos em ambas as partes que constituem a PCL:SV foram visivelmente superiores nos homens.

Além das características de personalidade que possam divergir entre homens e mulheres, a discrepância existente entre ambos os géneros também poderá ser devida a um enviesamento de género na cotação/interpretação da PCL:SV. Um fator potencialmente limitativo e importante na interpretação dos resultados do nosso estudo é que a avaliação da PCL:SV foi realizada por um avaliador do sexo feminino. Quiçá avaliadores do sexo feminino sejam menos propensos a atribuir características como falta de empatia ou remorso, grandiosidade, manipulação ou pobre controlo comportamental em mulheres (Forth, Brown, Hart & Hare, 1996). Neste sentido, uma investigação adicional usando avaliadores do sexo masculino como entrevistadores seria necessária a fim de interpretar as diferenças de género na distribuição da pontuação total da PCL:SV e assim reduzir o potencial viés do avaliador.

Investigar diferenças entre etnias e o índice de psicopatia é algo que recentemente tem vindo a crescer, mas que ainda suscita controvérsias. No nosso estudo quisemos perceber se se verificavam diferenças entre o total da PCL:SV e o grupo étnico a que pertencia o indivíduo e, como se pode verificar, dado que a nossa amostra era maioritariamente caucasiana (97,4%), as diferenças entre etnias não foram significativas, e os nossos resultados não foram conclusivos.

A discordância entre estudos existe, muitos são os que defendem que a etnia não tem qualquer relação com a psicopatia (Cooke, Kosson & Michie, 2001), outros, pelo contrário, concluem que determinadas etnias (e.g. negra) apresentam maiores índices de psicopatia (Skeem, Edens, Camp & Colwell, 2004). Neste sentido, era importante uma replicação do nosso estudo envolvendo mais indivíduos de outras etnias com o intuito de perceber se, na população estudantil, a etnia é um fator importante no índice de psicopatia.

A idade também foi uma variável analisada no nosso estudo, mas como é possível verificar apesar de a correlação ser positiva, não existiu uma associação significativa entre a idade e o total da PCL:SV. O nosso resultado vai ao encontro do estudo de Forth, Brown, Hart e Hare (1996), que compreende idades idênticas à da nossa amostra. Talvez a razão pela qual se obteve este resultado se deva à homogeneidade da amostra, relativamente à variável idade.

Para testar a última hipótese “Os resultados obtidos na PCL:SV mostram que os valores são mais elevados para a Parte 1 do que para a Parte 2” os resultados sugerem que as duas partes não apresentam resultados estatisticamente significativos, apesar de os

valores serem superiores para as características antissociais (Parte 2) em detrimento das características interpessoais e afetivas (Parte 1). Sabe-se que em estudos com universitários, as características de impulsividade e comportamento antissocial expressos pela PCL:SV são relativamente mais baixos que as características interpessoais e afetivas que se apresentam como mais centrais no constructo da psicopatia (Cooke, Michie, Hart & Hare, 1999). O recurso a uma amostra aleatória de maiores dimensões seria uma estratégia para uma melhor exploração destes resultados. Não obstante, sugerir a cotação da prova de outro avaliador seria outra solução que nos permitiria reduzir a subjetividade.

Além dos referidos anteriormente, o nosso estudo apresentou outros fatores limitativos.

Relativamente à aplicação da PCL:SV não nos foi possível recolher informação colateral correspondente ao indivíduo em avaliação. Isto justifica-se pelo facto de se tratar de estudantes universitários que na sua maioria se encontram deslocados da sua zona de residência, o que não nos permitiu ter acesso a familiares e amigos que de alguma forma pudessem comprovar a veracidade das respostas dadas na entrevista. Neste sentido, numa futura investigação seria relevante recolher informação colateral no intuito de avaliar se o entrevistado se encontra a dar respostas no sentido de valorizar a imagem de si próprio (desejabilidade social) ou se a fonte complementar é credível.

Todavia, dado que a avaliação da psicopatia está relacionada com aspetos relativos às próprias características da personalidade que definem a perturbação, como sejam a desejabilidade social, a manipulação e o engano, o recurso a diferentes fontes de informação e a vários avaliadores permitiriam uma melhor capacidade avaliativa e seriam outra solução. Pois, tal como Blackburn (1993; cit. por Soeiro, 2005) defende, a combinação de várias medidas de avaliação da psicopatia, umas em formato de autorrelato, outras em formato de *checklist*, permitiriam articular informação sobre o que os indivíduos pensam coligando com os comportamentos que apresentam.

Conclusão

Os estudos sobre psicopatia desenvolvidos em amostras não institucionalizadas apresentam-se, de uma forma geral, como uma fonte importante de informação para a compreensão dos fenómenos que definem e explicam esta perturbação.

Avaliar a psicopatia em estudantes universitários foi o nosso principal objetivo, todavia os nossos resultados devem ser vistos à luz das nossas limitações, o que pode direcionar o curso de futuras pesquisas.

Apesar do uso da PCL:SV na avaliação de traços psicopáticos em populações não institucionalizadas parecer promissor, a morosidade da aplicação da entrevista PCL:SV, que diverge com a objetividade do sujeito em avaliação poderá ser uma limitação na adesão a este tipo de estudos.

Neste sentido, estudos futuros poderiam considerar o recurso a outros instrumentos, nomeadamente inventários como seja o *Psychopathic Personality Inventory* (PPI) e o *Levenson Self-Report Psychopathy Scale* (LSRP), não só como complemento para corroborar os resultados obtidos pela *checklist*, como seria uma solução que poderia ajudar a esclarecer controvérsias a respeito das implicações comportamentais dos psicopatas em contexto não criminal assim como o controverso e mal compreendido constructo da psicopatia bem sucedida (Hall & Benning, 2006), constructo que tem implicações óbvias para o mundo dos negócios, da política e até da comunidade estudantil.

Como é constatável, a nossa amostra foi retirada de uma população de estudantes o que resulta numa população bastante díspar, todavia o recurso a uma amostra aleatória de maiores dimensões seria uma estratégia para uma melhor exploração dos resultados obtidos. Assim como, era importante que investigações futuras avaliassem amostras comunitárias de maior diversidade para perceber melhor a etiologia, a manifestação e a evolução da psicopatia na comunidade.

Referências Bibliográficas

- Belmore, M. F., & Quinsey, V. L. (1994). Correlates of psychopathy in a noninstitutional sample. *Journal of Interpersonal Violence*, 9(3), 339-349. doi: 10.1177/088626094009003004
- Cooke, D. J., Kosson, D. S., & Michie, C. (2001). Psychopathy and Ethnicity: Structural, Item, and Test Generalizability of the Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R) in Caucasian and African American Participants. *Psychological Assessment*, 13(4), 531-542. doi: 10.1037/111040-3590.13.4.531

- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13(2), 171-188. doi: 10.1037/111040-3590.13.2.171
- Cooke, D. J., Michie, C., Hart, S. D., & Clark, D. A (2004). Reconstructing psychopathy: clarifying the significance of antisocial and socially deviant behavior in the diagnosis of psychopathic personality disorder. *Journal of Personality Disorders*, 18(4), 337-357.
- Cooke, D. J., Michie, C., Hart, S. D., & Hare, R. D. (1999). Evaluating the screening version of the Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL:SV): An item response theory analysis. *Psychological Assessment*, 11(1), 3-13.
- De Oliveira-Souza, R., Ignácio, F. A., Moll, J., & Hare, R. D. (2008). Psychopathy in a civil psychiatric outpatient sample. *Criminal Justice and Behavior*, 35, 427-437. doi: 10.1177/0093854807310853
- Forth, A. E., Brown, S. L., Hart, S. D., & Hare, R. D. (1996). The Assessment of Psychopathy in Male and Female Noncriminals: Reliability and Validity. *Personality and Individual Differences*, 20(5), 531-543.
- Gonçalves, R. A. (1999a). Personalidade: O lado antisocial. *Psychologica*, 22, 83-101.
- Gonçalves, R. A. (1999b). *Psicopatia e processos adaptativos à prisão*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Centro de estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Guy, L. S., & Douglas, K. S. (2006). Examining the utility of the PCL:SV as a screening measure using competing factor models of psychopathy. *Psychological Assessment*, 18, 225-230.
- Hall, J. R., & Benning, S. D. (2006). The “Successful” Psychopath: Adaptive and subclinical manifestations of psychopathy in the general population. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 459-480). New York, NY: Guilford Press.
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Toronto: Multi Health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *Sin Conciencia: El inquietante mundo de los psicopatas que nos rodean*. Barcelona: Paidós Ibérica.

- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2006). The PCL-R assessment of psychopathy: development, structural properties and new directions. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 58-88). New York: The Guilford Press.
- Harpur, T. J., & Hare, R. D. (1994). Assessment of psychopathy as a function of age. *Journal of Abnormal Psychology, 103*(4), 604-609.
- Hart, S.D., Cox, D.N., & Hare, R.D. (1995). *The Hare Psychopathy Checklist: Screening Version (PCL:SV)*. Toronto, ON, Canada: Multi-Health Systems.
- Hart, S. D., Hare, R. D. & Forth, A. E. (1994). Psychopathy as a Risk Marker for Violence: Development and Validation of a Screening Version of the Revised Psychopathy Checklist. In J. Monahan & H. J. Steadman (Eds.), *Violence and Mental Disorder: Developments in Risk Assessment* (pp. 81-98). Chicago: University of Chicago Press.
- Huchzermeier, C., Geiger, F., Köhler, D., Bruß, E., Godt, N., Hinrichs, G., & Aldenhoff, J. B. (2008). Are there age-related effects in antisocial personality disorders and psychopathy?. *Journal of Forensic and Legal Medicine, 15*, 213-218. doi:10.1016/j.jflm.2007.10.002
- Lee, Z., & Salekin, R. T. (2010). Psychopathy in a noninstitutional sample: differences in a primary and secondary subtypes. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment, 1*(3), 153-169. doi: 10.1037/a0019269
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of personality and social psychology, 68*(1), 151-158.
- Lykken, D. T. (1995). *The Antisocial personalities*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2008). Psychopathic traits in a large community sample: links to violence, alcohol use, and intelligence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1*-20.
- Neumann, C. S., Hare, R. D., & Newman, J. P. (2007). The super-ordinate nature of the psychopathy checklist-revised. *Journal of Personality Disorders, 21*(2), 102-117.
- Neumann, C. S., Kosson, D. S., Forth, A. E., & Hare, R. D. (2006). Factor structure of the Hare Psychopathy Checklist: Youth Version in incarcerated adolescents. *Psychological Assessment, 18*(2), 142-154.

- Neumann, C. S., Kosson, D. S., & Salekin, R. T. (2007). Exploratory and confirmatory factor analysis of the psychopathy construct: Methodological and conceptual issues. In H. Hervé & J. C. Yuille (Eds.), *The Psychopath: Theory, research, and practice* (pp. 79-104). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Ross, S. R., Lutz, C. J., & Bailey, S. E. (2004). Psychopathy and the Five Factor Model in a Noninstitutionalized Sample: A Domain and Facet Level Analysis. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(4), 213-223.
- Salekin, R. T., Brannen, D. A., Zalot, A. A., Leistico, A. R., & Neumann, C. S. (2006). Factor structure of psychopathy in youth: testing the new four factor model. *Criminal Justice and Behavior*, 33, 135-157. doi: 10.1177/0093854805284416
- Salekin, R. T., Trobst, K. K., & Krioukova, M. (2001). Construct validity of psychopathy in a community sample: a nomological net approach. *Journal of Personality Disorders*, 15(5), 425-441.
- Skeem, J. L., Edens, J. F., Camp, J., & Colwell, L. H. (2004). Are there ethnic differences in levels of psychopathy? A meta-analysis. *Law and Human Behavior*, 28, 505-527. doi: 10.1023/B:LAHU.0000046431.93095.d8
- Skeem, J. L., Polaschek, D. L. L., Patrick, C. J., & Lilienfeld, S. O. (2011). Psychopathic Personality: Bridging the gap between scientific evidence and public policy. *Psychological Science*, 12(3), 95-162. doi: 10.1177/1529100611426706
- Soeiro, C. B. (2005). *Personalidade e Psicopatia na Seleção de Polícias de Investigação Criminal*. Tese de Doutoramento não publicada. Braga: Universidade do Minho.
- Soeiro, C., & Gonçalves, R. A. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 1(28), 227-240.
- Vitacco, M. (2007). Psychopathy. *British Journal of Psychiatry*, 191, 357-365. doi: 10.1192/bjp.191.4.357
- Vitacco, M., Neumann, C. S., & Jackson, R. L. (2005). Testing of a four-factor model of psychopathy and its association with gender, ethnicity, intelligence, and violence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(3), 466-476.